

De narrativas, viagens e aventuras: Paris oitocentista e o romance em português ¹

Paulo Motta Oliveira

USP/CNPq

RESUMO: Este artigo pretende abordar alguns aspectos de um conjunto de textos quase esquecidos: os romances em português publicados na França no século XIX.

ABSTRACT: This text aims to think about some aspects of an almost forgotten collection: the novels in Portuguese published in France in the nineteenth century.

PALAVRAS-CHAVE: França, Brasil, Portugal, Romance, Século XIX

KEYWORDS: France, Brazil, Portugal, Novel, Nineteenth century

Hobsbawm, ao tecer considerações sobre os desdobramentos da revolução industrial, afirma:

Nenhuma outra inovação (...) incendiou tanto a imaginação quanto a ferrovia, como testemunha o fato de ter sido o único produto da industrialização do século XIX totalmente absorvido pela imagística da poesia erudita e popular (...) Indubitavelmente, a razão é que nenhuma outra invenção revelava para o leigo de forma tão cabal o poder e a velocidade da nova era (...). A estrada de ferro, arrastando a sua enorme serpente emplumada de fumaça, à velocidade do vento, através de países e continentes, com suas obras de engenharia, estações e pontes formando um conjunto de construções que fazia as pirâmides do Egito e os aquedutos romanos e até mesmo a Grande Muralha da China empalidecerem de provincianismo, era o próprio símbolo do triunfo do homem pela tecnologia. (Hobsbawm, 2000. p. 61.)

O impacto das estradas de ferro foi grande mesmo em Portugal, apesar de elas terem demorado um pouco para chegar. Como sabemos, em 1856 o país possuía apenas 36 quilômetros dessas estradas, mas em 1864 já existiam cerca de 720. Mesmo no Brasil, em que elas tardaram ainda mais a se consolidar, a ligação ferroviária, em 1877, entre o Rio de Janeiro e São Paulo foi fundamental para o desenvolvimento do país. Mas não eram apenas as estradas de ferro que geravam maiores possibilidades de deslocamento: também as estradas macadamizadas se multiplicavam, o transporte marítimo tornava-se mais seguro e rápido. O século XIX foi, com certeza, o século da facilitação das viagens. Só muito depois, com o advento das viagens aéreas, teríamos um outro salto qualitativo tão importante no encurtamento das distâncias.

Mas o século XIX não foi só o século das viagens. Também foi o século do romance. Em especial, de romances que viajavam. Relembremos aqui um trecho de *O primo Basílio*:

Tornou a espreguiçar-se. E (...) foi buscar ao aparador por detrás duma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na *voltaire*, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era a *Dama das Camélias*. Lia muitos romances, tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em

¹ Este texto é fruto da pesquisa que desenvolvi com o apoio da FAPESP

solteira, aos 18 anos, entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que tem sobre as ogivas os brasões da clã (...) Mas agora era o moderno que a cativava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades (...) e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. (Queirós, s.d., p.17-18)

O simulacro de Paris, cidade antevista e desejada através dos romances, talvez tenha sido um dos motivos que levou Luísa a *entusiasmarse* pelo falso parisiense Basílio de Brito. Mas o trecho acima nos interessa por outro motivo. Escritor atento ao mundo que tentava representar, Eça faz que sua protagonista, uma burguesa de Lisboa, seja leitora de romances estrangeiros. Primeiro Scott, depois Dumas Filho. Em outro trecho do livro, um outro escritor será acrescentado a essa galeria:

A *Traviata* lembrou a Luísa a *Dama das camélias*; falaram do romance; recordaram episódios...
— Que paixão que eu tive por Armando em rapariga! — disse Leopoldina.
— E eu foi por D'Artagnan — exclamou ingenuamente Luísa.
Riram muito.
— Começamos cedo — observou Leopoldina. (Queirós, s.d., p.169)

Começaram cedo, não só no exercício da paixão – como logo a seguir discutirão – mas também nessa específica paixão que é a da leitura de romances, quase todos eles importados ou traduzidos. Luísa e Leopoldina vivem um período peculiar da história da leitura no ocidente. Pela primeira vez, um grupo significativo de leitores, em várias regiões da Europa e da América, podiam ler os mesmos romances quase ao mesmo tempo. Estávamos, sem via de dúvida, nas primeiras manifestações de uma sociedade que é a nossa. Walter Scott, e ainda mais que ele, Alexandre Dumas e o aqui não citado Eugénio Sue, não foram apenas escritores ingleses ou franceses: foram escritores ocidentais, lidos no original ou em traduções quase em – permitam-me a expressão – tempo real. Os livros viajavam mais e mais rápido que as pessoas. Marlyse Mayer, no seu incontornável *Folhetim*, mostra a ansiedade com que o público carioca esperava a chegada do pacote que trazia os mais recentes números do *Journal de Débats* em que estavam sendo publicadas as aventuras do Príncipe Rodolfo de Gerolstein. *Os mistérios de Paris* foi, tudo o indica, o primeiro best-seller ocidental dessa nova era. Como indica Márcia Abreu em relação ao Brasil

O sucesso dos *Mistérios de Paris* torna evidente a coincidência entre a situação brasileira e francesa, tendo em vista não apenas o sucesso editorial mas também a proximidade nas datas de publicação. Na França, *Les Mystères de Paris* começou a ser publicado em junho de 1842, saindo, no mesmo ano, a edição em livro. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, o folhetim foi publicado entre setembro de 1844 e janeiro de 1845, saindo o primeiro volume do livro um mês após o início da publicação do romance no rodapé do no *Jornal do Comércio*. (...). Esgotada a primeira edição, em dias, anunciou-se a segunda edição do primeiro volume para o mês de novembro de 1844. Cinco novas edições foram produzidas até 1847, o que, entretanto, não esgotava as possibilidades oferecidas aos leitores, uma vez que gabinetes de leitura tentavam atrair assinantes alardeando o fato de terem, em seu acervo, a obra de Sue. Nesse caso, os editores brasileiros acreditaram que valia a pena apostar em traduções compostas e impressas no Brasil, ao contrário do que ocorria com a maior parte dos demais livros de grande circulação no Rio de Janeiro, os quais chegavam às mãos do público em traduções compostas e impressas em Portugal ou na França. (Abreu, s.d., p. 14-15)

Como reflexo, gerou-se uma onda de *mistérios* que se espalharam por todo o mundo. Lembremos aqui que Lisboa teve dois desses: primeiro o de Alfredo Hogan, publicado em 1851, e logo em seguida o de Camilo Castelo Branco, em 1854.

Ocorria um fenômeno interessante: a maior parte dos leitores lia não os romances de autores de seu país, mas as traduções vindas de Londres ou, o que era ainda mais frequente nos países ibéricos e em suas ex-colônias, de Paris. Ou seja, tudo parece confirmar a hipótese – defendida por Franco Moretti – de que já existia, no final do século XVIII, um mercado literário europeu – do qual, devemos notar, também fazia parte a América, mesmo que basicamente enquanto consumidora: “O final do século XVIII viu uma 'primeira revolução industrial no setor do entretenimento', escreve Peter Burke (...). Enquanto o consumo de ficção estava se tornando mais e mais *generalizado* (...), sua produção estava ficando mais e mais *centralizada*, tanto no interior de cada Estado-nação como no sistema mais amplo de Estados europeus” (Moretti, 2003, p.181.). E, dentro deste sistema mais amplo, “duas cidades, Londres e Paris, dominam o continente inteiro por mais de um século, publicando metade (se não mais) de todos os romances europeus”(Moretti, 2003, p.197).

O presente artigo – partindo justamente do pressuposto da existência desse mercado literário globalizado – pretende centrar a atenção num segmento das publicações em português até hoje muito pouco trabalhado: o das edições feitas em nossa língua, na França, ao longo do século XIX. É certo, sabemos da importância que então tinha Paris, afinal lá foram publicadas as obras geralmente apontadas como os marcos do surgimento do romantismo em Portugal e no Brasil: *Camões e Dona Branca ou a conquista do Algarve*, de Garrett, respectivamente em 1825 e 1826 e, uma década depois desta última, a revista *Niterói* e o *Suspiros poéticos e saudades* de Gonçalves de Magalhães. Mas pouco se tem estudado o conjunto das obras em português publicadas em Paris. Como notou Diana Cooper-Richet “Ce territoire très particulier de l'histoire du livre et de la presse en France est demeuré en grande partie, et jusqu'à une date récente, une *terra incognita* négligé par la plupart des spécialistes.” (Cooper-Richet, 2009, p.121). Realizei, no último ano, pesquisa sobre as narrativas ficcionais em português publicadas na França, graças a apoio da FAPESP², e é sobre um aspecto destas obras que pretendo aqui tratar.

Há apenas um livro que trata deste material, o *A edição de língua portuguesa em França (1800-1850)*, publicado por Vitor Ramos em 1972, composto por um ensaio crítico e pelo repertório das obras em português publicadas naquele país na primeira metade do século XIX³. Foi a partir do livro de Ramos que comecei a montar o meu *corpus*. Ramos enumerou 519 títulos⁴ em português, publicados entre 1800 e 1850, além de outros 10 que não tinha certeza se haviam sido efetivamente publicados, acrescidos de 32 publicações periódicas. Meu objetivo foi, num sentido, mais restrito: reduzi o foco apenas às narrativas ficcionais em prosa – termo que, julgo, é mais apropriado que *romance* para os livros com que trabalho, por motivos que, creio, ficarão claros. Por outro lado ampliei o espectro temporal para todo o século XIX, pois

² Realizei pós-doutorado junto à Univesité Sorbonne Nouvelle, sob a supervisão da Profª. Dra. Catherine Dumas de janeiro de 2013 a janeiro de 2014, com bolsa da FAPESP.

³ O que aponto neste e nos próximos parágrafos, sobre aspectos gerais de minha pesquisa, retoma e modifica o que apresentei no artigo “Nem Rio, nem Lisboa: Paris oitocentista e os romances em português”, que enviei para ser avaliado pela revista *Via Atlântica*.

⁴ Utilizo o termo *título* pois Vitor Ramos listou, em sua obra, apenas as primeiras edições. Quando existiam outras, estas eram indicadas quando do lançamento da primeira.

julguei que assim poderia ter uma visão mais ampla da edição de narrativas ficcionais em português na França, nesse século essencial para a construção do romance nos países de língua portuguesa.

Além do livro de Ramos, utilizei o catálogo da Biblioteca Nacional de França, que confrontei com os das bibliotecas nacionais do Brasil e de Portugal, várias listas de livros publicadas nos volumes com que trabalhei e alguns outros catálogos e listas a que pude ter acesso. Graças a essas fontes consegui levantar um total de 171 narrativas ficcionais em português publicadas em Paris ao longo do século XIX, total que inclui tanto primeiras edições como reedições. Destes livros, ainda não consegui ter acesso a 6, dois que efetivamente foram publicados, e se encontram em bibliotecas que ainda não pude visitar, outros dois que muito provavelmente também o foram, pois encontrei várias referências que confirmam a publicação, apesar de não tê-los encontrado em nenhuma biblioteca. Sobre os restantes não possuo dados suficientemente consistentes, e é provável que apesar de terem sido anunciados não tenham chegado a ser de fato editados. Como algumas obras tiveram mais de uma edição ao longo do século, cheguei a um total de 137 títulos, excluindo-se as duas últimas obras referidas.

Após o levantamento das narrativas publicadas, julguei que seria fundamental descobrir quais, dentre elas, seriam obras originais e quais traduções. Rapidamente percebi que esta não seria uma tarefa fácil. Parte significativa dos livros não indica o nome do autor, nem se é ou não uma tradução. E estas, em geral, tampouco indicam o nome do tradutor. Se em relação às obras mais conhecidas a atribuição autoral é tarefa fácil, o trabalho se mostra mais complexo nos outros casos, em especial quando – como não é infrequente – o título traduzido não corresponde ao original. Em função destas dificuldades, ainda não consegui descobrir a autoria de cerca de 30% dos títulos – em que se incluem quase a totalidade dos romances originais. Em relação aos tradutores, julgo que dificilmente chegarei a descobrir os nomes da maioria deles, pois provavelmente não mais existem os acervos das principais editoras com que trabalho⁵

Consegui repertoriar apenas vinte e um tradutores, responsáveis pela tradução de 48 títulos. Alguns se destacam pela grande quantidade de trabalhos realizados. O mais profícuo é Caetano Lopes de Moura: traduziu 11 romances, entre eles seis de Walter Scott. O segundo que mais traduções fez foi Pedro Carolino Duarte, que diferentemente de Caetano traduziu romances de um único escritor, um padre alemão então bastante popular, Christoph von Schmid, sete no total. Outro que merece destaque é José da Fonseca, que teve uma atividade mais diversificada: traduziu 5 romances, foi o revisor da tradução de um outro, além de ter adaptado para o público infantil 3 obras - *O Guliver dos meninos*, *O Gil Braz da infância* e *Aventuras de Telêmaco compendiada para o uso dos meninos* – e ser autor de um dos raros romances originais: *Historia de D. Afonso Braz, filho de Gil Braz de Santilhana*. Para além destes, pelos dados que até agora tenho, apenas cinco outros realizaram mais de uma tradução: Francisco Ladislau Alvares d'Andrada e Manuel Pinheiro Chagas, responsáveis por 3 traduções cada; E. P. da Câmara, António Vicente de Carvalho e Sousa e Filinto Elísio⁶, responsáveis por duas.

Já antes tratei com mais vagar destes tradutores. O que aqui pretendo fazer é pensar sobre as possíveis relações entre as traduções e os romances originais publicados em Paris.

Começemos por dois prólogos das *adaptações para a infância* realizadas por José da Fonseca, tipo de

⁵ Foi graças a Jean-Yves Mollier – grande conhecedor dos acervos existentes em Paris – que obtive esta informação.

⁶ Uma dessas traduções Felinto fez conjuntamente com Manuel de Sousa.

obra que se situa entre uma tradução e um romance original. O adaptador, partindo da obra original, cria uma nova versão mais adequada ao público a que se dirige. O prólogo ao primeiro desses volumes, *Aventuras de Telêmaco compendiada para o uso dos meninos* mostra de forma clara essa perspectiva:

O *Telêmaco* do imortal Fénelon, contem alguns trechos que não convêm a meninos, e o seu tecido mitológico excede-lhes a inteligência. Assentei pois, que um simples extrato desta obra ser-lhes-ia sumamente agradável, tanto por sua pura moral, como pela variedade dos sucessos.

Se eu conseguir recrear algumas horas os meus leitorezinhos, dar-me-ei por satisfeito no meu trabalho. (Fonseca, 1854, prólogo)

No prólogo a *Gil Braz da infância, ou Aventuras de Gil Braz* a mesma ideia se repete: expurgar a obra dos trechos que seriam inadequados para a infância, e simplificar o livro, para que ele pudesse ser mais acessível ao público a que se dirige.

Gil Braz (...) é a escola do mundo. Com efeito, Lesage reuniu nesta obra-prima tudo quanto agradar pode aos leitores (...).

Mas, esta bela composição, não podia, por extensa (consta de quatro volumes), dar-se aos meninos. De mais, ela contém alguns capítulos que, sobre não os interessarem, ser-lhes-iam nocivos.

Assentei, pois, que um extrato dessa obra recrear-los-ia, e instruiria; por quanto se o lerem atentos, acharão nele (...) o útil misturado com o agradável. (Fonseca, 1855, p. V-VII)

Se estamos diante de duas adaptações, algumas traduções também tentaram realizar um processo semelhante, adequando a obra traduzida ao que deveria ser o gosto de seus leitores. Dos exemplos que poderia citar – não são muitos, pois, como indiquei, ainda estou tentado localizar os originais e, no caso dos já localizados, o confronto com as traduções é trabalho que mal comecei – mas tenho alguns exemplos que poderão, creio, ser interessantes.

Começemos por *Aventuras galantes dum jovem turco em Paris*. Este livro, publicado em 1841, é uma tradução de *Mémoires Turcs avec l'histoire galante de leur séjour en France* de Claude Godard d'Aucour, publicado originalmente em 1743. A primeira vez que o livro de Aucour foi traduzido para o português foi no início do século XIX. A Imprensa Régia publicou por duas vezes uma tradução parcial da obra, em 1806, em Lisboa, com o título *Templo de Jatab. Coleção de memórias turcas* e em 1811, no Rio de Janeiro, com o título *História de dois amantes ou o Templo de Jatab*.

O livro original é composto por duas partes bastante distintas. A primeira, narrada em primeira pessoa, relata a vida de Delly, jovem turco, desde sua infância até o momento que retorna a Constantinopla, vindo da França, onde esteve acompanhando o embaixador Said Effendi. A segunda é composta pela correspondência ativa e passiva de Achmet Dely-Azet – parente de Delly, que também acompanha o embaixador – que troca cartas com a sua escrava favorita e com outros personagens. Obra classificada como libertina, possui como tema central as diferenças culturais entre a Turquia e a França, em especial as diferenças relativas à sexualidade. O personagem principal e narrador simboliza essa dicotomia por ser filho de um paxá turco e de uma francesa. A obra possui ainda – em especial na parte da narrativa relacionada com Delly – um uso sistemático da peripécia. A vida do protagonista muda a cada momento, alternando fases afortunadas e desafortunadas.

As traduções de 1806 e 1811 – que, segundo Márcia Abreu, são idênticas (cf. Abreu, 2011)- narram apenas o período da vida de Delly anterior à sua ida para a França, e resumem toda a sua infância em poucas linhas.

A tradução publicada em Paris, apesar de mais completa, faz importantes modificações na narrativa original, cortando trechos e acrescentando novos. A mais importante supressão é a do personagem Achmet Dely-Azet e de sua correspondência, que é parcialmente incorporada na narrativa de Delly, como se fossem aventuras por ele vividas.

São duas as mais importantes histórias acrescentadas: as de D. César Mendonça, que se passa na Espanha, e a de uma atriz não nomeada, que se passa em vários países da Europa.

Na forma como aparece nessa tradução, a obra é iniciada pela vida de Delly, que é narrada, até o momento que encontra a sua mãe, seguindo o romance original com poucas supressões e modificações. Assim, em relação à tradução de 1811, são acrescentadas a narrativa da infância do protagonista e do período desde sua chegada a Constantinopla até o encontro com sua mãe, em Paris.

Nesta parte, que é a mais bem articulada da tradução, é narrado o período em que Delly viveu com seu pai, o paxá Mulei, época em que descobre que é filho de uma francesa, Eufêmia, que seu pai conheceu quando estivera na França acompanhando um embaixador turco. Mulei cai em desgraça, pensam que morreu, e Delly, como não é considerado filho legítimo, é obrigado a sair de sua casa sem direito a nenhuma herança. Passa a trabalhar, com um amigo, para um mercador de escravas, Azay, e é assim que conhece primeiro Teófia – que vai ser vendida por seu pai como escrava – e depois Zulima. Esta é adepta, como toda a sua família, do culto de Jatab, assim descrito pelo narrador: “o tal Jatab fora um miserável, o qual apregoando-se falsamente discípulo do grande Maomé, tinha inculcado uma religião lá a seu modo. (...) esse impostor exige que todas as raparigas de quinze anos vão em romaria à de Alpheia, onde seus crédulos sectários lhe alçaram um templo. As que aprazem aos infames ministros de Jatab lá ficam expostas ao que eles lhes ordenam. As mulheres dessa seita além de não poderem casar, só vendidas são aos mercadores de escravos depois de fazerem essa santa romagem” (Aucour, 1841, v.1, p.57-58).

Apixonado por Zulima, e querendo ser o primeiro a possuí-la, Delly vai ao templo, se converte, e, depois de várias peripécias, consegue dele sair e, após de outros incidentes, chegar a Constantinopla. É este o trecho – da morte de seu pai à chegada em Constantinopla - que é narrado na tradução de 1811, acessível pela internet.

Após chegar a Constantinopla, descobre que Said Effendi, amigo de seu pai, havia sido designado como embaixador na França, e consegue para lá ir no seu séquito, junto com Zulima. Na França acaba por conhecer sua mãe, e tem problemas com Zulima, a qual, partidária de Jatab, achava que teria de manter relações com todos os homens que a desejassem. Depois de, incentivada por Delly, conversar com Eufêmia, Zulima descobre que o Deus na França é diverso, e que lá ela só poderia manter relações com o seu marido, o que a faz não aceitar mais os pedidos de nenhum homem, nem mesmo de Delly, postura que ela afirma que só mudará quando retornar à Turquia.

Até este momento a tradução segue, com pequenas supressões e mudanças, o enredo original. Na página 177 do primeiro volume o narrador afirma: “Como Zulima embirrou em que eu jejuasse a iguaria

cupidinária, e que o meu temperamento turquisco vergava irresistivelmente no belo sexo, tomei outro rumo” (Aucour, 1841, v.1, 177)⁷. Esta reflexão vai permitir que sejam incorporados incidentes amorosos, originalmente narrados por Achmet Dely-Azet, tendo Delly como protagonista. Estes novos incidentes, sem uma ligação estrutural entre eles, para além do motivo comum que os une – sucessivas aventuras sexuais de um protagonista cuja companheira se recusa a manter relações com ele enquanto estiverem em território francês – torna a história menos articulada, e ela acaba se transformando numa sucessão de pequenos enredos, ainda mais caótico que a primeira parte da narrativa – em que, como disse, a peripécia tem um papel fundamental.

Além dessas características, em dois momentos a narrativa é cedida a dois personagens, já atrás referidos, que contam a sua história.

O trecho narrado pela atriz não nomeada (Aucour, 1841, v.2, p.52 - p.100), se é uma história totalmente desvinculada da vida de Delly, tem um tom irônico que se aproxima do presente no restante do livro, e possui um enredo que é independente em si mesmo. Nele são narrados os incidentes da vida desta atriz desde que conhece seu amado, Durand, quando ela ainda morava com seu pai, sr. Tripotier, até o momento em que - após muitas peripécias que se passam na França, na Inglaterra e na Holanda - os dois conseguem ficar definitivamente juntos.

O trecho narrado por D. César Mendonça (Aucour, 1841,v.1, p.187 - v.2, p.45) parece ser completamente inadequado ao livro. Conta uma história que não é concluída, e que possui um tom sério e mesmo trágico, o que não combina com restante do enredo. Deve ter sido retirado de uma outra obra, que não consegui localizar. Eufêmia, a mãe de Delly, pede a D. César, que frequenta a sua casa, que lhe conte a sua história. Ele narra os seus amores com Aurora, filha de um inimigo de sua família, e das consequências trágicas que advieram dessa relação, que culminaram com o naufrágio de D. César. A história termina com vários mistérios não resolvidos e sem que saibamos o destino final de sua amada.

O livro, assim, não se trata apenas de uma tradução. Partindo do original de Godard d'Aucour, o tradutor o modifica de forma a criar uma história que segue o original apenas em sua primeira parte. Na segunda, constrói uma narrativa, para padrões atuais, pouco articulada, em que os episódios se sucedem sem uma clara ligação entre eles, e em que a narrativa é dada a várias vozes.

Mas são justamente essas transformações tornam o livro numa obra bastante interessante. A narrativa acaba por se aproximar de um certo modelo que será muito comum nos livros em português publicados na França ao longo principalmente da primeira parte do século XIX. Como não tenho condições, no espaço de uma comunicação, de desenvolver este aspecto de forma mais consistente, vou centrar a minha atenção em dois romances apontados por Vítor Ramos como obras originais.

Como indiquei, a grande maioria dos livros que levantei é composta por traduções, mas ao lado destas existem alguns romances originais. Vítor Ramos, em seu prefácio, já havia indicado a maior parte deles. Além do já referido romance de José da Fonseca⁸, Ramos fez referência, numa nota, a outros sete:

⁷ Apesar das grandes diferenças entre o original e a tradução, como o texto de Aucour é o que estrutura a tradução, o mantivemos como autor desta.

⁸ “*História de D. Afonso Braz, filho de Gil Braz de Santilhana*, assinada por José da Fonseca, que tem o cuidado de

D. Raimundo Aguiar, ou os Frades Portugueses. História Original escrita por ele mesmo, 1838; *Dom João da Falperra ou Aventuras jocosas desse célebre personagem, escritas por ele mesmo*, 1840; *Viagens e aventuras de Tristão da Cunha*, 1841; *História jocosa do celebrado Pae-Pae...*, 1848; *Dom Severino Magriço...*, 1851; *Os flibusteiros ou aventuras do capitão Caldeira*, 1851; *Viagens e aventuras dum jovem português*, 1853. (Ramos, 1972, p.31.)

Começemos por um destes, que não se trata, de fato, de um romance original: *Os flibusteiros ou aventuras do capitão Caldeira*. O livro simula ser um romance cujo protagonista é um português, e começa da seguinte forma: “Meus pais oriundos do Algarve foram sentar vivenda nos arredores de Montreal no Canadá”(*Os flibusteiros*, 1851, p.6). A remota possibilidade de ocorrer uma emigração do Algarve para Montreal e o fato de que as referências a Portugal ou Brasil são poucas, sendo muito mais frequentes as que se referem à região do Caribe – tanto a sob domínio francês, como a sob o domínio espanhol – e mesmo sobre a África francesa ou inglesa, me fizeram desconfiar de sua suposta lusitanidade. Composta por uma sucessão de aventuras, a última delas no Brasil, a narrativa termina com o protagonista indo morar em Nantes: “Eu embarquei em um navio que velejava para a França, onde tendo chegado felizmente, comprei uma boa quinta junto a Nantes, em a qual deslizo alegres e sossegados anos.”(*Os flibusteiros*, 1851, p 206-7). Este final, se não infrequente entre os romances originais – o protagonista de *Viagens e aventuras dum jovem português* no fim da narrativa vai morar na Suécia – nesta obra pareceu-me mais um indício de que ela não era, de fato, portuguesa.

Após um longo tempo de busca, acabei por descobrir o original. O livro é uma tradução bastante livre de *Les aventures de monsieur Robert Chevalier dit de Beauchene, Capitaine des flibustiers dans la Nouvelle France* de Lesage, publicado originalmente em 1732. Bastante livre, pois não só o início - que no romance original é “Mon père et ma mère, françois d'origine, allèrent s'établir em Canada, aux environs de Montréal, sur le fleuve Saint-Laurent” (Lesage, 1732, p.2) - é modificado, mas também vários trechos são resumidos e outros acrescentados.

Também aqui, por várias vezes, a voz narrativa é cedida a um outro personagem que conta a sua história. Se não tenho condições de tratar de todos os momentos em que isso ocorre, vários deles acrescentando narrativas que não estavam no original, um em especial merece ser referido, por sua particularidade.

Um barbeiro que estava num navio de flibusteiros, Leandro Pedrosa Xavier de Gamboa, personagem que não aparece no livro original, se põe a contar uma longa história que ocupará mais de 50 páginas, o que representa cerca de um quarto do volume. Trata-se de um trecho de romance que tem como protagonista um espanhol, como já havia ocorrido com o último livro que abordamos, e que deveria, o supus, ter sido publicado originalmente na Espanha. Bem, talvez não seja bem esta a história. Não sei se encontrei o original, mas pude descobrir de onde, provavelmente, a história foi retirada. Foi publicado, em 1806, em Londres, um livro intitulado *The Spaniard; or The pride of a birth*, assinado por M. Rymer. Até agora não consegui saber se é uma tradução de uma história espanhola – o que continuo a considerar como o mais provável – ou se é, de fato, um romance original. De qualquer forma, a narrativa do barbeiro em *Os*

especificar que não se trata de tradução de *La vie de don Alphonse Blas de Lirias, fils de Gil Blas de Santillane*, já em si uma imitação” (Ramos, 1972, p.31).

flibusteiros reproduz, com muita proximidade, um trecho do romance publicado em Londres.

Estes dois exemplos, creio, já são bastante eloquentes. Mas penso ser interessante acrescentar um terceiro.

D. Raimundo de Aguiar ou os frades portugueses História original escrita por ele mesmo é composto por uma narrativa encaixante a que são acrescentadas várias narrativas encaixadas. A narrativa principal conta a história do narrador, desde o seu nascimento em Lisboa até o momento em que fixa residência em Amsterdã. O tom habitual desta narrativa é cômico e/ou irônico, e tem como principal procedimento a ridicularização da vida religiosa, em especial de padres, frades e missionários. Todas as narrativas encaixadas, exceto uma – em que o narrador afirma que vai traduzir uma história que leu em um manuscrito escrito em italiano – são de narradores secundários que contam, em geral, histórias autobiográficas.

Depois da experiência que tive com os dois últimos livros que aqui analisei desconfio de todas as narrativas encaixadas. Mas se ainda não consegui descobrir se elas são ou não originais – e algumas têm elementos que me fazem desconfiar que não – pelo menos sei a origem de uma delas, por sinal especialmente indicada no romance.

A narrativa que o narrador diz ter traduzido de um manuscrito italiano é a história de um religioso que finge ser o anjo Gabriel para seduzir uma mulher. Seu título é “O frade punido”. Ela reproduz, com poucas variações, uma narrativa presente na quarta jornada do *Decamerão* de Boccaccio. Também aqui – numa narrativa em que a história encaixante se passa principalmente em Portugal, o que parece corroborar a hipótese de Ramos de que ela é original – encontramos a incorporação de uma história vinda de um outro livro. Justamente *Decamerão*, livro que, parece-me que não por acaso, não é propriamente um romance, mas uma acumulação de várias narrativas, que se enquadram numa narrativa encaixante.

Comecei este artigo com um trecho de Hobsbawm sobre a importância das estradas de ferro, continuei com dois trechos de Eça em que encontramos Luísa e Leopoldina lendo livros franceses, passei pela internacionalização do mercado editorial. Acabei aportando num pequeno nicho – os romances em português publicados na França – e a partir dele de novo encontrei uma rede de relações – se não mundial, pelo menos europeia. As adaptações – permitam-me utilizar o termo – de um romance libertino do século XVIII, três vezes publicado em português, em que acabou por ser adicionada uma aventura espanhola retirada de um livro ainda não identificado; um falso romance original, de fato uma tradução de Lesage, a que se incorporou uma narrativa passada em Espanha retirada, aparentemente, de um romance inglês; um livro aparentemente original que incorpora – pelo menos – uma narrativa italiana do século XIV.

Não são só as pessoas ou os livros. As narrativas também viajam. De um para outro livro. A história da aclimação do romance – este gênero que veio da protestante Inglaterra e da laica França – nas católicas terras portuguesas e – acho que pelo pouco que disse, posso acrescentar – espanholas, passou por vários expedientes que, hoje, seriam aparentemente condenáveis. De apropriação e pirataria. Mas foi assim que o romance em português foi construído. Afinal, não estamos de um mundo tão distante do nosso...

Bibliografia

- Abreu, Márcia. “A circulação de romances como problema para a história literária”. Disponível em: http://www.espea.iel.unicamp.br/textos/IDtextos_134_pt.pdf . Acesso em 29 dez. 2013
- Abreu, Márcia. “*O templo de Jatab: um romance licencioso publicado pela Impressão Régia do Rio de Janeiro*”. Floema, n. 9, p. 193-215, jan./jun. 2011.
- Cooper-Richet, Diana. Paris, carrefour des langues et de cultures: Édition, presse et librairie étrangères à Paris au XIXe siècle. *Histoire et civilisation du livre*, Paris, n.5, p. 121-143, 2009.
- Flibusteiros ou aventuras do capitão Caldeira (Os)* . Paris: Pommeret e Morreau, 1851.
- Fonseca, José. *Aventuras de Telêmaco compendiada para o uso dos meninos*. Paris: Va. J.-P. Aillaud, Monlon e Ca, 1854.
- Fonseca, José. *O Gil Braz da infância, ou Aventuras de Gil Braz*. Paris: Va. J.-P. Aillaud, Monlon e Ca, 1855.
- Fonseca, José. *O Gúliwer dos meninos*. Paris: Va. J.-P. Aillaud, Monlon e Ca, 1864.
- Godard d’Aucour, Claude. *Aventuras galantes dum jovem turco em Paris*. Paris: Pommeret et Guénot, 1841.
- Godard d’Aucour, Claude. *História de dois amantes ou o Templo de Jatab*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1811. Disponível em: <http://ebookbrowse.net/jatab-pdf-d95327101> . Acesso em 29 dez. 2013.
- Hobsbawm. Eric J. *A Era das Revoluções (1789-1848)*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 61.
- Lesage. *Les aventures de monsieur Robert Chevalier dit de Beauchene, Capitaine des flibustiers dans la Nouvelle France*. Paris: Etienne Ganeau, 1732.
- Moretti, Franco. *Atlas do romance europeu 1800-1900*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- Meyer, Marlyse. *Folhetim uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- Queirós, Eça de. *O primo Basílio*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.
- Ramos, Vitor. *A edição de língua portuguesa em França (1800-1850)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.
- Rymer, M. *The Spaniard; or, The pride of a birth*. Londres: G. Robinson, 1806. Disponível em: <http://books.google.fr/books?id=faYBAAAAQAAJ&pg> . Acesso em 29 dez. 2013